

19-2-59

UMA EXPLICAÇÃO

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Cartas e telefonemas recebidas, com queixas dos artigos que escrevi sobre o fenômeno do militarismo, levam-me a crer que há um equívoco que está a exigir esclarecimento, e que tanto podés ser atribuído à distração ou falta de memória do leitor, como à falta de engenho ou de clareza do escritor. O fato é que há um mal-entendido, e aqui vai a necessária explicação.

Não sou e nunca fui anti-militarista. Acho a carreira militar tão digna como a do advogado ou do médico e com fundamento igual na mesma fragilidade ou miséria da condição humana. Nunca pude aceitar que um soldado, pelo fato de ser militar fosse um parasita da nação, e sempre discuti, sustentando o contrário, com os anti-militaristas que viam no boné de Eduardo Gomes ou na farda de Juarez uma contra-indicação para a presidência da república. Defendi essas candidaturas que não podem ser chamadas de "candidaturas militares" pela mesma razão que não chamaríamos de odontológica a candidatura de um dentista ou gramatical a candidatura de Janio Quadros. Os candidatos eram militares, mas o CRITÉRIO, o ESPIRITO da candidatura não eram militares. Por mim, estou até convencido de que esses dois candidatos derrotados foram os últimos que poderiam deter a onda de militarismo que agora invade o Brasil.

Não sou e nunca fui nem nunca serei anti-militarista, a não ser que a idade me esclareça a razão. E agora recordo a satisfação que sempre tive, em meio onde houvesse traços de anti-militarismo,

de apresentar algum dos meus amigos, alunos ou ex-alunos da Escola Técnica do Exército. Há vinte e cinco anos ensino nesse estabelecimento militar, e tenho recebido dos alunos, com poucas exceções, evidentes provas de amizade e simpatia, eloquentes demonstrações que guardo no coração como a melhor recompensa de quem envelhece no glorioso e duro ofício de ensinar. Não me estenderei nesse tópico dos afetos, mas quero ainda repetir o que há tempos escrevi: foi na E.T.E., nos vinte e cinco anos de professor, que encontrei o melhor conjunto de homens, de cidadãos, de brasileiros.

É bem possível que hoje algum desses amigos esteja descontente ou irritado com meus artigos contra o militarismo. Paciência. Seria uma pena, pois o que eu esperava desses alunos é que fossem os primeiros a não gostar do militarismo. Tentarei explicar melhor a distinção. O leitor deve saber que tenho horror ao anti-semitismo e que já demonstrei admiração por mais de um judeu. Tive e tenho excelentes amigos judeus. Se entretanto acontecesse ter o Brasil um bizarro governo que fizesse questão fechada de ter um judeu confesso e circunciso na presidência da Petrobrás, outro na COPAF, outro no SAPS, outro no DCT, etc. etc., eu estaria obrigado a escrever um veemente artigo contra o semitismo de tal governo; e escreveria esse artigo ou entraria numa campanha contra o semitismo sem deixar de ser amigo dos judeus, e sobretudo sem me alistar no anti-semitismo apregoado pelo sr. Gustavo Barroso, no seu septuagésimo aniversá-

rio, na ocasião em que reiteirou a profissão de fé integralista e lembrou a defeção do antigo companheiro Augusto Frederico Schmidt.

Dou outro exemplo: como católico julgo-me obrigado a combater o clericalismo; mas também como católico acho profundamente estúpido ser anti-clerical, e fico tristíssimo, como aliás tem acontecido, se algum irmão na fé, por me ver tomar posição contra o clericalismo, imagina que eu esteja tomando a atitude contra o clero. Meu Deus, é o contrário! O clericalismo é a doença moral que pode dar numa comunidade religiosa, e que tanto prejudica o leigo como danifica o clero. O militarismo também é uma doença da sociedade, em que saem todos perdendo, isto é, a nação, o povo, com exceção de um punhado de aproveitadores. Acho que o militar bem formado deve ser contra o militarismo antes de nós abrimos a boca. Deve ser o primeiro a sentir a distorção de uma carreira que tem na origem um juramento.

E não se diga que tem o militarismo, sendo uma doença moral, um abuso, uma extravasão de direitos e competências, seja produzida pelos militares. Nem sempre. Não são os militares os únicos, nem talvez os principais fatores de nosso militarismo. São os civis que se demitem, que se omitem, que produzem o vácuo moral. Para ilustrar essa tese nada é melhor do que o pronunciamento do Supremo Tribunal Federal, que acaba de enquadrar o caso do "Diário de Notícias" no marcial domínio da chamada lei de segurança nacional.